



A ex-banda Nativus afirma que não importa o nome, o essencial é o suingue

Balançando

BRASÍLIA

A ex-banda Nativus,

provisoriamente sem

nome em razão de

um litígio judicial,

lança disco e se

apresenta hoje no

late Clube de Brasília

Rio - “Nosso nome não importa. O que importa é o nosso reggae”. Esse é o lema do segundo disco da banda (ex-)Nativus, *Povo Brasileiro* (EMI). Como já existia um grupo com denominação semelhante - *Os Nativos* -, o conjunto brasiliense terá, agora, que encontrar um novo nome; o que ainda é uma incógnita.

Músicos e gravadora ficaram sabendo do problema com o nome da banda na metade do processo de gravação do CD. Houve tentativa de negociação, mas o grupo catariense *Os Nativos* exigiu uma quantia exorbitante para abrir mão do nome.

Primeiramente, ao pensarem que o direito autoral do nome Nativus era da gravadora EMI, quiseram dois milhões de reais. Após descobrir que, na verdade, teriam que negociar com a banda, exigiram 400 mil reais, mais 50 mil por ano, durante cinco anos. “Foi um baque grande para nós. Mas, diante disso, vimos que não valia a pena continuar chamando Nativus. Nosso som é que importa, pois uma banda é a própria música que ela faz e não como ela chama”, comenta o vocalista Alexandre. O ex-Nativus se apresenta neste sábado, a partir das 22h, no late Clube de Brasília. Antes do show, às 15h, o grupo estará autografando o CD *Povo Brasileiro*, no Carrefour Norte.

A sorte da banda brasiliense foi a ênfase dada, desde o início de sua carreira, ao associar o nome Nativus com o símbolo de um boneco rasta-

fari correndo. Esta silhueta está estampada na capa do CD, logo acima do título *Povo Brasileiro*. Diante da indefinição de como a banda vai se chamar, o disco tem cópias limitadas (100 mil).

O grupo ex-Nativus, neste segundo trabalho, está mais maduro musicalmente. No início de seu surgimento, por volta de 1986, não havia compromisso algum de ser uma banda profissional. Contudo, pouco a pouco, quando o Nativus se reunia para tocar, em luaus ou festas na UnB, o público que os assistia crescia paulatinamente, de forma impressionante.

Em pouco tempo corria na cidade, de boca em boca, o comentário de que havia um pessoal na UnB fazendo um reggae gostoso de ouvir e dançar e que, nos shows que dava, só havia gente bonita, “sarada”; que o clima predominante nas apresentações era o da descontração e da liberdade.

Os lugares dos shows já não comportavam o público presente. O grupo era um sucesso, mesmo sem

divulgação na mídia e ser ter um disco de trabalho. “Vamos fazer um CD independente”, decidiram. No dia do show de divulgação do disco, cerca três mil cópias foram vendidas.

A partir daí, o Nativus se tornou um fenômeno nacional. A propaganda boca a boca ainda era a maior aliada do grupo. Fitas-pirata chegavam às rádios de todo o país, mesmo antes do disco. Por todo o Brasil, frases como “liberdade pra den-



tro da cabeça”, “beija-flor, que trouxe meu amor, voou e foi embora”, “eu sou surfista do Lago Paranoá”, estavam na boca de todos.

Isso contou bastante na hora de assinar o contrato de gravação. “A gravadora nos recebeu de forma respeitosa, pelo fato de termos conseguido fazer sucesso com um disco independente, feito da nossa maneira. Por isso, não fomos para o estúdio pressionados. Ao contrário, estávamos tranquilos, pois sabíamos do nosso potencial”, relembra Alexandre.

O primeiro disco foi reeditado pela gravadora EMI, que o distribuiu para todo o país. Para este segundo trabalho houve uma exigência maior em relação ao trabalho dos músicos. Liminha (que trabalhou com nomes como Gilberto Gil, Titãs e *Cidade Negra*) foi chamado para produzir o CD, que tem direção artística de Torquato Mariano.

O guitarrista Kiko revela que “não houve uma busca incessante de timbres. O Liminha, de cara, já sabia o que devíamos fazer em estúdio”. Alexandre também ressalta as qualidades do produtor: “Trabalhar com Liminha foi uma escola. Ele soube explorar ao máximo nosso potencial, sem alterar o estilo roots da banda”, diz.

Certas faixas do CD lembram a forma rítmica de tocar do *Cidade Negra* e algumas outras, na maneira de cantar, do cantor Djavan. “Gosto de chamar nosso som de MPBRoot, pois é forte nele a presença do soul do Djavan, do Tim Maia, do Jorge Benjor”, explica Bruno, o percussionista do grupo.

O CD *Povo Brasileiro* tem 14 faixas. Em algumas delas há algumas participações especiais. Beto Peres (guitarra solo), e João Fera (piano elétrico), na música *Em Paz*, Torquato Mariano (guitarra solo em *Uma Vez Mais*), Liminha (violão em *Praia dos Golfinhos*), e Guigui Trotta (gaita em *Forasteiro*).

Com exceção de *Pedras Escondidas*, de Alexandre e Luiz (o baixista), as demais músicas foram compostas por Alexandre - ele escreveu

todas as canções do disco anterior. Alexandre assumiu definitivamente a postura de líder do grupo - o que é visto por todos da banda com a maior tranquilidade.

Kiko, o mais descontraído entre todos do grupo, se diverte dizendo que o Alexandre escreve a letra e a música “e depois deixa tudo por nossa conta. Ele faz e a gente executa”, ri. Este tipo de descontração talvez seja a grande arma do grupo. O baterista Juninho garante que o clima que reina entre eles é de “como estivessem todos ainda na quinta série”.

A música de trabalho da banda é *O carcará e a Rosa*. Daqui a cerca de dez dias, o videoclipe da canção estará pronto para ser exibido na televisão. As cenas foram gravadas no mar, em Arraial do Cabo (RJ) e no ar, quando o grupo salta de pára-quedas nos céus da Barra da Tijuca.

Isabela (backing vocal), Alexander (voz), Luiz (baixo), Kiko (guitarra), Juninho (bateria) e Bruno (percussão), irmão, depois de Brasília, para Ilha Bela (SP), Florianópolis e Curitiba. Não está nada certo mas, caso a produção do grupo consiga fazer os acertos que deseja, a banda retornará ao solo da capital para tocar na virada do ano.

MARCELO BELUCO

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

● **Povo Brasileiro (EMI)**, da banda ex-Nativus. Cópias limitadas. O grupo se apresenta no sábado, a partir das 22h, no late Clube de Brasília. Neste mesmo dia, às 15h, a banda estará autografando o disco no Carrefour Norte.